

O valor da Geografia e a pertinência do espaço geográfico no mundo contemporâneo, por Tim Marshall (2017)

The value of Geography and the relevance of geographic space in the contemporary world, by Tim Marshall (2017)

João Luís J. Fernandes

Departamento de Geografia e Turismo FLUC/UC

CEIS20/CEGOT

jfernandes@fl.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9419-631X>

Perante o ritmo e a instabilidade das dinâmicas territoriais contemporâneas, a imprevisibilidade das relações internacionais e o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias de informação, é importante problematizar até que ponto este novo mundo não desvalorizou velhos fatores geográficos como a localização, a distância, a topografia, o clima ou a acessibilidade a recursos como a água ou os solos férteis.

O livro de Tim Marshall, com o sugestivo título de *Prisioneiros da Geografia*, edição original de 2015, vem contribuir para desfazer o mito do fim da Geografia e da desvalorização de um espaço geográfico que, perante uma deriva tecnológica extrema, perderia relevância nas decisões dos atores e nas trajetórias das populações.

Sem receios de uma declinação determinista, Marshall (2017) afirma que

A terra em que vivemos sempre nos moldou. Moldou as guerras, o poder, a política e o desenvolvimento social dos povos que, hoje, habitam quase todo o planeta. A tecnologia pode parecer ultrapassar as distâncias, tanto no espaço mental como no físico, mas é fácil esquecer que a terra onde vivemos, trabalhamos e criamos os nossos filhos tem uma importância crucial, e que as escolhas daqueles que lideram os sete mil milhões de habitantes deste planeta serão, em certa medida, sempre influenciadas pelos rios, montanhas, desertos, lagos e mares que nos rodeiam a todos - como sempre o foram. (p. 11)

Não sendo novidade para os geógrafos nem para quem percorre, observa, vive e sente a paisagem, este espaço geográfico de Tim Marshall não é um plano geométrico e uniforme liberto dos efeitos de atrito das rugosidades espaciais que influenciam as trajetórias e os quotidianos territoriais, sejam estas um vale, uma montanha ou um estreito. A técnica e a compressão espaço-tempo que acompanhou inovações como a aviação ou a internet, aceleraram as dinâmicas, abriram as opções geográficas e alteraram as territorialidades de uma parte da população mundial, mas não desvalorizaram as velhas geografias

nem os fatores geográficos que, sem anacronismos, continuam presentes, perduram no longo prazo e devem continuar a ser considerados.

O livro de Tim Marshall discute o mundo a partir de representações cartográficas de pequena escala. Dividido em dez capítulos, cada um tem por objeto um mapa a propósito do qual se entendem os processos, os equilíbrios e desequilíbrios, as dinâmicas e os balanços de poder no passado, no presente e no futuro. Articulando espaço e tempo, esta obra posiciona-nos em diferentes blocos geográficos, sobre os quais se fazem interrogações, se antecipam problemas e tensões e se viaja pelos principais conflitos territoriais contemporâneos.

Já no passado geógrafos como Milton Santos (2010) e Olivier Dollfus (1998), entre outros, sublinharam a importância do local de observação. O centro do mundo será onde nós estivermos. Enquanto realidades dinâmicas, a globalização e a política internacional devem ser percebidas a partir de pontos georreferenciados múltiplos e de diferentes janelas de perceção e análise. Para Tim Marshall, o mundo pode ser analisado tendo como referência blocos geográficos como a Rússia, a China, os EUA, a Europa Ocidental, África, o Médio Oriente, a Índia e o Paquistão, a Península da Coreia e o Japão, a América Latina e o Ártico.

Este percurso de 255 páginas (na versão portuguesa) é uma galeria de referências geográficas e topónimos, países, cidades e rios, estreitos, cadeias montanhosas, mares e oceanos. Ao mesmo tempo, faz-se uma incursão pelos fatores geográficos de poder, riscos, medos e intimidações, como a extensa planície do norte europeu que, perante a ausência de obstáculos físicos relevantes, constitui uma ameaça mútua e um corredor de contacto entre a Rússia e a Europa Central.

Como nos demonstra o autor, a posição geográfica é especialmente relevante na análise do caso russo. A importância estratégica de acesso ao Mar Negro e a um porto de águas quentes que não congelem e impeçam a circulação durante uma parte do ano, como ocorre em Murmansk e Vladivostok,

terá motivado a anexação da Crimeia. Ensaiaando uma espécie de voo panorâmico, para Marshall apenas se entenderá o vasto território da Rússia, caracterizado por baixas densidades populacionais, se for enquadrado em espaços como a região báltica, os Urais, a Sibéria, os Cárpatos e o Ártico, que constituem barreiras defensivas perante ameaças externas.

Neste livro insiste-se no valor estratégico dos territórios-tampão, que amortecem vizinhanças e atenuam tensões diretas. Assim ocorre com os ambientes desérticos entre os EUA e o México, mas também com os Himalaias, que se interpõem entre a Índia e a China que, por sua vez, está também protegida pelo deserto de Gobi. Ao mesmo tempo que se intrometem entre rivais diretos, estes espaços são objeto de interesses e conflitos. Na perspectiva de Tim Marshall, o Tibete é controlado pela China para que este território, que aspira a uma maior autonomia, não possa ser ocupado pela Índia, mas também porque ali têm origem algumas das importantes linhas de água que percorrem o território chinês.

A problemática dos recursos atravessa este trabalho. As perturbações a propósito da água, das quais são exemplo os conflitos entre o Egito e a Etiópia, continuam na agenda política internacional. O mesmo ocorre com as dificuldades de afirmação de países, como o Japão, com elevadas carências e dependências em recursos energéticos e minerais, questões que abrem um alargado campo concorrencial de áreas de influência, projetos extrativistas e disputas territoriais.

Nesta perspectiva, Tim Marshall atribui especial protagonismo à China. A expansão da influência chinesa para o continente africano na procura de recursos primordiais, minérios e metais preciosos, assim como o investimento na renovada Rota da Seda, inserem-se na linha estratégica de afirmação global, baseado numa leitura pragmática e rigorosa da cartografia e dos velhos fatores geográficos. Por exemplo, 80% da energia que suporta o complexo urbano-industrial da China atravessa o Estreito de Malaca. Nesse sentido, é fundamental a diversificação e o controlo territorial de múltiplos choke-points. Por isso, controlam ferrovias em Angola e portos no Quênia e no Paquistão. Também por essa razão, porque é preciso afirmar o poder da China no mundo, se aposta na construção de uma nova infraestrutura de ligação entre o Atlântico e o Pacífico - o Canal da Nicarágua, que suplantará a capacidade de carga do Canal do Panamá, do qual os chineses querem salvaguardar qualquer dependência.

Nestas geografias analógicas, a China procura o protagonismo dos mares e impõe-se como potência

marítima, a conjugar com uma longa tradição de poder continental suportado numa rede hidrográfica densa e navegável. É também nesta linha que o poder chinês se procura consolidar nos mares do Sul da China e na ligação deste com o Pacífico e com o Índico, com consequentes disputas por espaços insulares, naturais ou artificiais, perante adversários e concorrentes como o Japão e os EUA.

Sem nos afastarmos da China, cuja análise ilustra e exemplifica o sentido deste trabalho de Marshall, refira-se a importância de outra região-tampão - Xinjiang -, território ao mesmo tempo proteção do país mas também reserva de petróleo, laboratório de ensaios nucleares e porta de acesso ao porto de Gwadan, no Paquistão, um dos nós da extensa rede que, de forma gradual, vai (re) construindo a nova Rota da Seda.

A estas geografias, Marshall acrescenta os movimentos de emancipação e independência. Fazendo fronteira com o Cazaquistão e havendo proximidade étnica entre os autóctones de Xinjiang e a Turquia, este é um território em convulsão, sobretudo desde a desintegração da ex URSS.

Já antes escreveu Edward Soja (1971) que o estabelecimento de barreiras, fronteiras e demarcações fazem parte da condição humana. Os mapas utilizados no livro expressam esta tendência de fragmentação que se estabelece num quadro de relações dinâmicas e assimétricas de poder. Nesta perspectiva, Marshall segue a linha de outros autores e invoca as fronteiras artificiais do colonialismo em áreas como o Médio Oriente, onde esses limites foram traçados à revelia da geografia cultural. Esta insensibilidade terá levado à criação de entidades políticas artificiais, frágeis e instáveis, como a Síria, o Líbano, Israel ou a Palestina.

Na análise de Tim Marshall, discutem-se também os muros que definem territórios de contenção e encerramento. Nesta velha geografia de perímetros de confinamento, como a faixa de Gaza, retomam-se as ideias foucaltianas da biopolítica e do controlo disciplinar dos corpos, quase sempre criando espacialidades inseguras e estruturalmente violentas.

Esta geografia da insegurança aponta também para os riscos inerentes às alterações climáticas e para o acréscimo das ameaças em territórios como o Bangladesh, encravado entre a Índia e a previsível subida do nível médio das águas do mar. Para Marshall, este país, tal como outros (é o caso do Paquistão), são espaços geograficamente fechados e sem Profundidade Estratégica Interna, isto é, vulneráveis porque não têm margem de expansão ou recuo perante o potencial avanço de ameaças externas.

Em todo o caso, está em jogo a soberania e o controlo territorial, que distingue países vulneráveis e dependentes, de potências hegemónicas que apresentam grande capacidade de projecção exterior. Para Marshall, no caso dos EUA, a cartografia do poder assenta numa rede flexível de bases navais e aéreas. Ainda que, nas novas geografias tecnológicas, a influência possa ser exercida por um exército de drones controlados à distância (por exemplo, numa central de operações no Nevada), a velha presença física e a proximidade geográfica continuam a ser determinantes e a fazer a diferença.

A análise do continente africano é, neste ponto de vista, elucidativa. Isolado pelo Saara, pelo Índico e pelo Atlântico, sem portos naturais e uma costa pouco atrativa, África é um continente com dificuldades de afirmação. Ao contrário do que ocorre na Europa, que beneficiou de canais de contacto como o Reno e o Danúbio, neste continente os rios são pouco navegáveis e não promovem as trocas. Os solos pobres e os conflitos em torno dos recursos naturais completam o cenário no qual, segundo Marshall, uma velha geografia de restrições se impõe num território em muitas regiões marcado pela violência e insegurança.

Nestas leituras, também a América Latina é, para o autor, uma região difícil, com limitações geográficas importantes, sem portos de águas profundas e territórios interiores com frequência agrestes e ofensivos. A coesão territorial é um problema em países extensos como o Brasil, no qual são complexas as comunicações e difícil a circulação de produtos. Os solos pobres e os conflitos de apropriações territoriais em espaços como a Amazônia completam um quadro geográfico hostil.

Para Tim Marshall, as alterações climáticas abrem novas fronteiras de conflitualidade e apropriação territorial. No capítulo dedicado ao Ártico, o autor apresenta esta região como um dos focos de disputa do século XXI. O degelo e o aumento da acessibilidade às diferentes fontes energéticas daquelas latitudes aumentarão a cobiça e darão vantagem a países, como a Rússia, mais adaptados a estes ambientes extremos. Sem que abra um capítulo específico sobre o assunto, o autor faz um percorrido pelos potenciais efeitos geográficos das alterações climáticas e suas consequências no aumento da vulnerabilidade de países como o já referido Bangladesh ou espaços insulares como as Maldivas, com a potencial deslocação forçada de populações e a modelação de uma nova geografia humana.

Nestes contextos geográficos em mudança, Marshall não deixa de apontar os efeitos indutores das valorizações imateriais dos lugares. Por essa razão, pelo valor alegórico dos limites, os turistas visitam, nos Urais, a cruz que separa simbolicamente a Ásia da Europa. É por isso também, prossegue Tim Marshall, pela apropriação imaterial do espaço geográfico, que Jerusalém é uma das cidades mais disputadas do mundo. A pouca importância estratégica é compensada pelo seu valor enquanto geossímbolo.

Nestas questões do simbólico e da sua filiação ao poder (numa sugestiva aproximação entre a Geografia Cultural e a Geografia Política, acrescentamos nós), Marshall vai mais longe. O autor assenta as suas reflexões numa cartografia que entende como rigorosa. Ainda assim, não deixa de olhar para estas representações como instrumentos que incorrem no risco da manipulação e no desvio em relação à verdade. Por exemplo, com a projecção de Mercator, utilizada na cartografia mais convencional, o continente africano é subdimensionado perante territórios como os EUA (em relação aos quais tem, na realidade, uma superfície três vezes superior) e a Gronelândia (que tem, segundo Tim Marshall, uma superfície 14 vezes inferior à do continente africano). Ainda hoje, a dimensão espacial é um fator a considerar nas percepções, reais ou imaginárias, do poder.

Não sendo geógrafo, Tim Marshall é jornalista e editor na área das Relações Internacionais, este autor deixa um pertinente contributo para a ciência geográfica e para o modo como esta é parte imprescindível da constelação integrada de saberes relevantes para se entender e atuar sobre o mundo. Este livro, *Prisoners of Geography* no título original, não negando as novas arquiteturas espaciais do digital e das relações topológicas, assenta no princípio que os velhos fatores geográficos perduram no tempo e que a Geografia é um inevitável campo científico de reflexão e atuação.

Na era da cartografia automática Tim Marshall constrói um esquema explicativo e uma base de reflexão analítica a partir de dez pontos de vista e dez referenciais geográficos de percepção. Ainda que os olhares se cruzem e intercetem, não é o mesmo ver o mundo a partir de África ou do Médio Oriente, do Ártico ou da Europa Central. Na sua aparência, os mapas utilizados por Marshall são estáticos. Na realidade, estão animados por movimentos, interesses, jogos de poder e influências mútuas. Estas leituras oscilam entre os fluxos, mais dinâmicos, difusos, inconstantes e imprevisíveis e as dimensões espaciais mais perenes, lentas e duradouras, entre

os espaços mais lentos e contínuos e os territórios-rede mais oscilantes e acelerados. Como na metáfora do geógrafo Jöel Bonnemaïson (1994), que confronta a árvore (símbolo da estabilidade) com a canoa (associada ao movimento), Tim Marshall salienta a geografia que está na interceção destes dois universos e destes dois ritmos. É essa leitura integrada e de continuidade que confere posição central aos contributos da ciência geográfica na análise de um mundo instável e imprevisível mas que se mantém vinculado a muitas das tradicionais questões geográficas.

Como refere Marshall (2017)

À medida que o século XXI avança, os fatores geográficos que ajudaram a determinar a nossa História continuarão, em grande parte, a determinar o nosso futuro. (...) Claro que a geografia não dita o curso de todos os acontecimentos. As grandes ideias e os grandes líde-

res fazem parte dos avanços e recuos da História. Mas todos eles têm de operar dentro dos limites da geografia. (p. 238)

Bibliografia:

- Bonnemaïson, J. (1994). *The Tree and the Canoe: History and Ethnogeography of Tanna*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- Dollfus, O. (1998). *A Mundialização*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Marshall, T. (2017). *Prisioneiros da Geografia*. Porto Salvo: Edições Saída de Emergência.
- Santos, M. (2010). *Por uma outra globalização*. São Paulo: Editora Record.
- Soja, E. (1971). *The political organization of space*. Washington: Association of American Geographers.